

## Perfil de mulheres cientistas e assimetrias de gênero

Luma da Silva Gonçalves<sup>i</sup> 

Universidade do Estado da Bahia *campus* XII, Guanambi, BA, Brasil

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis<sup>ii</sup> 

Universidade do Estado da Bahia *campus* XII, Guanambi, BA; Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil

1

### Resumo

Este artigo objetiva apresentar o perfil de mulheres cientistas e as assimetrias de gênero vivenciadas por elas em uma universidade pública do interior da Bahia. Além disso, pretende-se discutir em que medida as mulheres se consideram cientistas. A pesquisa foi realizada no Departamento de Educação *campus* XII, da Universidade do Estado da Bahia. Fundamentou-se na abordagem qualitativa, utilizou-se a análise documental e entrevista semiestruturada que em decorrência do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 foram feitas via mediação tecnológica. Para traçar o perfil dos/as docentes da UNEB *campus* XII e verificar quem são as mulheres doutoras que atuam na referida instituição, analisou-se os currículos disponíveis na plataforma lattes. Como principais resultados, pudemos compreender que, além das assimetrias de gênero, há questões interseccionais de gênero, classe e raça. Observa-se que elas precisam lidar com a multitarefa e ainda se sentem culpadas por não conseguir dar conta das expectativas da sociedade.

**Palavras-chave:** Mulheres cientistas. Perfil. Relações de gênero.

### Trajectories of women scientists at a university in Bahia

#### Abstract

This article aims to present the profile of women scientists and the gender asymmetries they experience at a public university in the interior of Bahia. Furthermore, it is intended to discuss the extent to which women consider themselves scientists. The research was carried out at the Department of Education *campus* XII, of the University of the State of Bahia. Based on a qualitative approach, we used document analysis and semi-structured interviews that, as a result of the social isolation caused by the Covid-19 pandemic, were carried out via technological mediation. In order to draw the profile of the professors at UNEB *campus* XII and to verify who are the women scientists who work at that institution, the curricula available on the lattes platform were analyzed. As main results, we were able to understand that, in addition to gender asymmetries, there are intersectional issues of gender, class and race. It is observed that they need to deal with multitasking and still feel guilty for not being able to live up to society's expectations.

**Keywords:** Women scientists. Profile. Gender relations.

## 1 Introdução

Este artigo objetiva apresentar o perfil de mulheres cientistas e as assimetrias de gênero vivenciadas por elas em uma universidade pública do interior da Bahia. Além disso, pretende-se discutir em que medida as mulheres se consideram cientistas.

Ao analisar o contexto histórico, pode-se perceber que o capitalismo foi, e tem sido, marcado pela facilidade de acesso e ascensão masculina em diversos espaços da sociedade, principalmente, àqueles referentes à esfera científica e política. Essa segregação é refletida no baixo número de mulheres conhecidas e reconhecidas nas ciências, na literatura, na política e em tantos outros cenários.

Uma das principais questões levantadas por Lima (2013), sobre a crítica feminista à ciência, enfatiza seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista, valendo-se de uma ciência branca, androcêntrica, ocidental, heterossexual e localizada nas camadas mais abastadas da sociedade, tornando árduo o acesso das mulheres até ela e cada vez mais complicado quando essas mulheres são pretas e/ou pobres e/ou homossexuais.

Cunha (2007) diz que estudar gênero é entender como se dá o processo das relações sociais entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, além de buscar compreender a identidade dos sujeitos e como elas se constituem na sociedade. Por essa razão, acredita-se que as discussões que versam sobre as trajetórias das mulheres nas ciências, promovem a conscientização da sociedade e o professor apropriando dessas questões, buscará estabelecer formas didáticas de respeito à diversidade, ao mesmo passo que acontece a escolarização dos indivíduos, oportunizando o saber a todos, sem distinção de gênero.

## 2 Metodologia

Esta pesquisa está fundamentada na abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN). 1982). Para a coleta de dados realizamos análise documental e entrevista semiestruturada que em decorrência do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 foram feitas via mediação tecnológica. Para traçar o perfil dos/as docentes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *campus* XII e verificar quem

eram as mulheres doutoras que atuavam na referida instituição, analisamos os currículos disponíveis na plataforma lattes.

A pesquisa foi realizada no Departamento de Educação *campus* XII, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), situado na cidade de Guanambi/BA. O referido *campus* oferece dois cursos de licenciatura (Pedagogia e Educação Física) e dois cursos de bacharelado (Enfermagem e Administração). O curso de Pedagogia funciona em dois turnos, manhã e noite, Educação Física e Enfermagem funcionam no período diurno e Administração somente no noturno.

A fim de compreender melhor quem são essas mulheres e como elas se encontram em relação aos homens, colegas de profissão, realizamos um mapeamento de docentes da UNEB *campus* XII, e com o auxílio do secretário da direção, elaboramos uma lista com o nome de todos os professores e professoras ativos na instituição.

Agrupamos, primeiramente, a quantidade de homens e mulheres em cada curso, em seguida os nomes dos/as docentes com suas respectivas titulações e o quantitativo de homens e mulheres com doutorado. Do total de 96 professores e professoras, obtivemos um total de 19 mulheres e nove homens com doutorado. Ressaltamos a presença de mulheres doutoras em três dos quatro cursos ofertados pelo *campus* XII, apenas o curso de Administração não conta com nenhuma doutora. É válido lembrar que esse curso tem o currículo composto, em sua maioria, por disciplinas que versam sobre exatas e economia, áreas sempre restritas ao universo masculino.

Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição das narrativas assim como a categorização dos conteúdos. Essa categorização foi orientada pelas questões e objetivos da pesquisa, tomando por base as experiências narradas. A análise dos dados qualitativos coletados foi enfocada com base na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Desse modo, as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

### 3 Resultados e discussões

De modo geral, não há como falar em família ou patriarcado dissociado da ideia do Estado e da propriedade privada. Sobre isso, Engels (1984, p. 70) enfatiza que: “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino”.

Percebe-se, a partir desse panorama, que as práticas conservadoras estão enraizadas no nosso modelo de sociedade e são poucos os anos que se seguem em relação às conquistas de direitos.

Ao fazer o levantamento do quantitativo de docentes universitários/as que atuam nos cursos de graduação em Pedagogia, Educação Física, Enfermagem e Administração ofertados pela UNEB *campus* XII, identificamos um total de 96 docentes, sendo 63 mulheres e 33 homens, o que significa 66% e 34% respectivamente.

Ao analisar as produções no currículo lattes, notamos que os homens de Pedagogia publicam mais livros e capítulos que as mulheres do mesmo curso. Já os homens de Educação Física têm mais trabalhos em anais e mais apresentações de trabalhos se comparado às mulheres de todos os cursos. Contudo, as mulheres da UNEB *campus* XII, atualmente, ainda se dedicam mais a publicações que os homens, levando em consideração as médias apresentadas. Esses números podem ser alterados com a chegada ou saída de professores.

### 3.1 Perfil das docentes doutoras entrevistadas

Sobre a participação nas entrevistas, das 19 mulheres doutoras da UNEB *campus* XII, apenas nove aceitaram participar das entrevistas. Sendo, seis de Pedagogia, duas de Educação Física e uma de Enfermagem. Todas as entrevistadas responderam suas idades que variam de 36 a 56 anos, seis mulheres estão casadas, duas estão solteiras e uma divorciada, a maioria delas cursaram o ensino médio em escolas públicas, duas em escolas privadas e uma não informou.

De acordo a resposta das entrevistadas, seis se consideram brancas, uma negra, uma parda e uma não informou. Essa proporção equivale à 75% de mulheres brancas para 25% de mulheres pretas e pardas, o que demonstra mais uma lacuna social, pois de acordo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), a Bahia é composta por 81,1% de pessoas autodeclaradas pretas e pardas, sendo ela o segundo estado com o maior número de negros (engloba pretos e pardos), ficando atrás somente do estado de São Paulo.

Ainda segundo o IBGE, a população baiana se constitui em 51,6% de mulheres e 48,4% de homens, desse total de mulheres que corresponde a 7.581.000, 79,7% são de mulheres pretas e pardas e apenas 19,2% de mulheres brancas (no total de 100% em cor ou raça, inclui as pessoas que se declararam indígenas, amarelas e ignoradas). Nesse cenário, é imprescindível que façamos um recorte racial nesta pesquisa, já que a relação de mulheres doutoras da UNEB *campus* XII não coincide com os dados gerais da condição feminina no estado da Bahia, onde está localizado o *lócus* desta investigação.

Onde estariam as mulheres negras senão nas universidades ou nos programas de pós-graduação, mestrado e doutorado? Essa pergunta pode ser respondida por meio dos mais de 300 anos de escravidão que ainda tem seus reflexos no século XXI, mas não somente por ele, muitos outros fatores sucederam esse marco na história do Brasil. O movimento feminista por muitos anos recusou a mulher negra em sua luta e isso tardou a conquista das mulheres pretas e pardas. A autora Djamila Ribeiro (2018, p. 47) aponta que: “se a universalização da categoria ‘mulheres’ não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder”.

Com isso, mesmo que o feminismo tenha se tornado um famoso movimento de luta, em suma, as conquistas desses movimentos acabaram privilegiando uma parcela menor da população feminina, ou seja, as mulheres brancas. Embora o feminismo tenha ampliado as pautas e incluído a vertente do feminismo negro, ainda assim, os homens são sempre concebidos com a maior parte dos privilégios, pois as conquistas dos movimentos negros tendem a privilegiar os homens negros, e assim,

fica para a mulher negra a restrição dos piores lugares da hierarquia social (CARNEIRO, 2021).

### 3.2 Ser ou não ser cientista? Eis a questão

6 Indagamos às entrevistadas se elas se consideravam mulheres cientistas, as escolhas feitas e as influências que tiveram durante o trilhar da carreira, as relações estabelecidas dentro do departamento que atuam ou fora dele, as situações de assimetrias vivenciadas, a relação família carreira, se tiveram que desistir ou não de algum projeto e quais caminhos elas consideram possíveis de enfrentamento e superação das desigualdades.

Algumas entrevistadas se consideram cientistas, outras não, até porque “a própria noção de cientista é muito carregada de certas representações de certas ideias e inclusive preconceituosas” (CURIE, 18/07/2020)<sup>1</sup>. Mas, sabemos que cada pessoa tem a sua concepção do que seja ciência a partir de suas experiências pessoais que foram moldadas socialmente.

Além dos aspectos de gênero, podemos amplamente pensar nas questões de classe latentes no discurso de Hipátia:

*[...] eu filha de trabalhador e trabalhadora rural não tinha condições de estudar em uma capital, por exemplo. [...] então hoje eu atuo na área de educação como docente e como pesquisadora, eu me tornei docente e pesquisadora num processo, eu não fiz uma escolha de modo intencional, planejada estrategicamente. A educação ela vai se constituindo no meu caminho pela falta de opção e não pelas opções. (HIPÁTIA, 01/08/2020).*

Sobre a fala de Hipátia, citando a saída do campo para a cidade, percebemos que as questões que permeiam o campo, diz respeito não só as mulheres camponesas, mas também as mulheres das florestas e das águas. São questões de silenciamento, restrições, dificuldades de acesso e permanência que mulheres que não são da cidade, enfrentam ao ter que se deslocar de suas casas

---

<sup>1</sup> Para preservar a identidade das entrevistadas usamos nomes fictícios. Escolhemos nove nomes de cientistas reconhecidas que fazem parte do livro “As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo”, escrito e ilustrado por Rachel Ignotofsky (2017).

em busca do acesso ao conhecimento acadêmico. Sobre isso, Martins (2021, p. 5-14), enfatiza que:

Essas mulheres ao ocupar o espaço urbano têm a percepção de que a cidade não é seu lugar, onde são constantemente questionadas [...]. Aqueles que ingressam sentem o tempo todo, que a sociedade, a universidade não admite “fraquezas” emocionais, e que é necessário manter a razão, a força, a frieza e até o silêncio (MARTINS, 2021, p. 5-14).

7

Por outro lado, embora todas essas questões de restrições perpassem pela vida de todas as mulheres, outras escolheram a profissão que estão hoje por ter idealizado isso há mais tempo, elas contam:

*[...] escolho a Educação Física por essa razão muito específica, por estar envolvida ali perto do esporte, vir de uma condição de atleta na minha trajetória escolar e na minha própria adolescência e me encontro enquanto professora profissional de Educação Física e pesquisadora do campo da educação mais tardiamente. (CURIE, 18/07/2020)*

*[...] eu penso que o motivo básico foi porque minha mãe era professora leiga, então eu desde criança pequenininha tinha três ou quatro anos, eu lembro que eu já brincava de boneca e brincava também de escolinha sendo professora para minhas próprias bonecas, dando aula dizendo que queria ser professora. (FRANKLIN, 03/08/2020).*

Dessa forma, podemos compreender a partir das falas, que tanto aquelas que não escolheram o curso que queriam fazer, quanto aquelas que conseguiram seguir os caminhos que desejavam trilhar, logo após o magistério ou ensino médio, se dedicaram ao que estava em seus caminhos e com isso vão se constituindo no processo, se dedicando e se especializando com as poucas oportunidades que encontraram.

As assimetrias de gênero se referem às questões ligadas a homens e mulheres que tratam especificamente das desigualdades, sejam elas sociais, políticas, profissionais, etc. Com base nesse pensamento, buscamos compreender com as investigações, quais são essas assimetrias, se as mulheres conseguem identificá-las e quais suas percepções acerca desse fator. Segundo Curie (18/07/2020) ela não enfrenta e nem visualiza problemas em relação assimetrias de gênero. Enquanto que Bascom (30/07/2020) ressalta que encontramos, ainda, nos

dias de hoje, preconceitos embutidos em muitas ações ou até mesmo no silenciar da voz feminina. As duas falas a seguir descrevem situações que já vivenciaram que esteve presente as relações de poder existentes nos gêneros.

[...] nas reuniões acadêmicas, por exemplo, fica claro, em muitas situações, a supervalorização da voz masculina e do conteúdo que ela exprime que, no geral, são corroboradas pelo grupo. Situações vistas para muitos como natural. A professora mulher, constantemente precisa gritar para se fazer ouvida, correndo o risco de escutar – até mesmo das colegas – que está tendo uma crise de histeria (BASCOM 30/07/2020).

[...] em relação a mim, por exemplo, já vivenciei algumas vezes não só por ser mulher, mas pela profissão também, quando eu fazia mestrado, de algumas pessoas perguntarem: “Nossa! Você faz mestrado?”, “Nossa! Mulher fazendo mestrado?”, “Nossa! Professora de Educação Física fazendo mestrado?”. (ANNING, 03/08/2020).

Pensando nisso, podemos notar que nem todas as mulheres percebem assimetrias em seu ambiente de trabalho, mas, pelo fato de estarem no mesmo local e algumas perceberem, mas outras não, diz muito sobre como as relações são estabelecidas e que as assimetrias existem, embora nem sempre estão explícitas, e muitas mulheres não conseguem vê-las.

Nesse contexto de aniquilações dos direitos feminino, há ainda a dificuldade em crescer em suas carreiras. Atualmente, utiliza-se, nas discussões sobre a carreira feminina, o termo *glass ceiling* ou teto de vidro. Esse teto é uma barreira invisível que impede o acesso de mulheres a postos e ocupações de melhores rendimentos. Para melhor explicar, Santos e Ribeiro (2006) afirmam que:

Nos quantis mais elevados encontramos as maiores diferenças da distribuição de rendimentos, corroborando com a suposição de que ocorrem menores probabilidades de ascensão profissional (o chamado *glass ceiling*) que impedem que mulheres com rendimentos mais elevados alcancem o mesmo nível de rendimento dos homens (SANTOS; RIBEIRO, 2006, p. 18).

Partindo dessa premissa, hoje é possível constatar tais evidências a partir da situação dos e das pesquisadoras e como vem se desenvolvendo pesquisa no mundo. No Brasil, contamos com a plataforma CNPq que disponibiliza as estatísticas sobre sexo e idade dos pesquisadores e das pesquisadoras. No que se refere o quantitativo de pessoas com doutorado no Brasil identificamos que 50,4%

são mulheres e 49,06% são homens. No entanto, ao analisamos os dados disponíveis no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq observamos uma predominância de bolsas de produtividade em pesquisa para homens. Em relação a liderança de grupos de pesquisa, as mulheres representam 46,03% e os homens 54,07%, evidenciando que quanto mais se sobe na carreira, menos se encontram mulheres.

9

Sobre a relação família carreira as entrevistadas reconhecem a necessidade de compreensão, apoio e suporte da família, pois a vida profissional de um/a pesquisador/a é marcada por muitos compromissos, responsabilidades e demandas. Elas narram que nunca tiveram que desistir de nenhum projeto de pesquisa por demandas pessoais ou familiares, mas falam como conseguem “dar conta” e “equilibrar” a vida social e a carreira de pesquisadora, pois entendem que as demandas da pesquisa exigem disponibilidade quase exclusiva para a produção e, segundo elas, isso não é possível sendo mulher e tendo outros afazeres, tanto domésticos quanto familiares, sobrecarregando e tornando um peso, levando ao adoecimento de muitas mulheres.

As entrevistadas mostram algumas saídas necessárias para aumentar a representatividade feminina no campo da ciência, mas principalmente apontam para os investimentos públicos que devem ser feitos pelos governos tanto estaduais quanto federais.

A análise geral é que somente agora, durante a pandemia é que pudemos notar a urgência de se discutir ciência. Não apenas a ciência que está em busca de uma prevenção/tratamento eficaz para o enfrentamento da Covid-19, mas também as Ciências Humanas com os professores e pesquisadores da área que continuam a pensar e buscar por um melhor modelo de sociedade por meio de seus estudos e descobertas.

#### 4 Considerações finais

Esta pesquisa é comprometida principalmente com as histórias das mulheres e a perspectiva delas sobre a temática apresentada. Compreendemos que

os pensamentos feministas não são ideológicos, mas revelam formas de pertencimento, porém, sem relativizar como cada uma se vê pertencente e se enxerga no mundo, já que não são todas as mulheres que se encontram no feminismo.

Foi possível perceber que além das assimetrias de gênero, há questões que envolve as condições financeiras e racial de cada uma. Então ao se discutir gênero, é necessário que seja um estudo interseccional e transversal, ou seja, que pense e investigue outros fatores como classe e raça, abrangendo um público maior.

Vimos nas falas, que elas se sentem realizadas com as escolhas que fizeram e com as oportunidades que tiveram, mesmo que poucas. Contudo, sentem-se cansadas e/ou improdutivas ao tentar conciliar carreira e família, então essa mulher que foge do ideal de mãe, esposa e dona de casa, precisa lidar com a multitarefa, com as múltiplas funções e ainda são responsabilizadas ou se sentem culpadas por não conseguir dar conta das expectativas de outras pessoas.

Ao acreditar que este diálogo não está concluído, afirmamos que o intuito é que ele chegue às camadas mais populares, pois nada valeria este trabalho se servisse apenas à academia ou a elite. Reafirmamos a necessidade de incentivos à ciência e educação para o proletariado, a classe que sustenta toda esta sociedade.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1982.

CARNEIRO, Sueli. Trajetória intelectual e formação política. In. KOLLONTAI, Aleksandra [et al]. **Introdução ao pensamento feminista negro** [recurso eletrônico]: por um feminismo para os 99%. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 78-83.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro. Editora Civilização brasileira s.a. 1984.

IGNOTOFSKY, Rachel. **As Cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Blucher, 2017.

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciência da Computação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. **Rev. Estud. Fem.** vol. 21, n. 3. Florianópolis Set./Dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/381/38129769003.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

11

MARTINS, R. V.; SOUSA, M. V. L.; SOUZA, R. M.; ALVES, R. da S. Aprendendo e ensinando a voar... a experiência das mulheres indígenas do Ceará com a educação diferenciada. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5196>. Acesso em: 17 ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SANTOS, Renato Vale; RIBEIRO, Eduardo Pontual. **Diferenciais de Rendimentos entre Homens e Mulheres no Brasil revisitado: explorando o “Teto de Vidro”**. Centro Universitário Newton Paiva/MG e PPGE/UFRGS, 2006.

---

<sup>i</sup> **Luma da Silva Gonçalves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0073-7574>

Universidade do Estado da Bahia

Estudante de Licenciatura do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação *campus* XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (Nepe/CNPq). Foi bolsista de Iniciação Científica de 2017 a 2020 (FAPESB e CNPq).

Contribuição de autoria: Realizou a pesquisa de Iniciação Científica, a qual deu origem a este artigo. Participou da coleta e análise de dados. Redigiu o artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7983045977329023>

E-mail: [luma.sg16@gmail.com](mailto:luma.sg16@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Sônia Maria Alves de Oliveira Reis**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0129-0719>

Universidade do Estado da Bahia

Mestra e Doutora em Educação pela FaE/UFMG. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia *campus* XII/Guanambi. É líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (Nepe)/CNPq. Coordenadora de área do Pibid.

Contribuição de autoria: Orientadora do trabalho de Iniciação Científica. Orientou o planejamento do estudo, a coleta, a análise dos dados e a redação do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9391155498685665>

E-mail: [sonia\\_uneb@hotmail.com](mailto:sonia_uneb@hotmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

---

**Como citar este artigo (ABNT):**

GONÇALVES, Luma da Silva; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. Perfil de mulheres cientistas e assimetrias de gênero. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.